

 <https://doi.org/10.56344/2675-4827.v4n3a2023.56>

## **Perfil da auto-ingestão de medicações em crianças e adolescentes atendidos em unidades básicas de saúde em Ribeirão Preto–SP**

### **Profile of self-intake of medications in children and adolescents attended at basic health units in Ribeirão Preto–SP**

Isabela Queiroz Guedes<sup>1</sup>, Diego Gabriel Ribeiro Barbosa<sup>1</sup>, Artur de Paula Martins Tavares<sup>1</sup>, Juliah Radharani Lobo Capillé<sup>1</sup>, Rodrigo José Custodio<sup>2</sup>, Viviane Imaculada do Carmo Custodio<sup>2</sup>

#### **INTRODUÇÃO**

O armazenamento de medicamentos no domicílio pode levar ao uso sem indicação adequada dessas substâncias (FRANCHITTO, 2021), podendo ocasionar diversas consequências, como por exemplo, alergias, dependência química, indução de resistência antibiótica, interações entre fármacos, intoxicações graves e óbitos, sendo assim, a auto-medicação leiga deve ser desencorajada nos atendimentos de saúde (TAVARES *et al.*, 2013).

A auto-ingestão medicamentosa pediátrica (AIMP) é uma situação que costuma ocorrer frequentemente, na maioria das vezes de forma acidental e motivada pela curiosidade inerente infantil.

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Medicina do Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, São Paulo. Contato: [isabelaqueirozgedes@hotmail.com](mailto:isabelaqueirozgedes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, São Paulo. Contato: [viviane.custodio@baraodemaua.br](mailto:viviane.custodio@baraodemaua.br)

## OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi identificar o perfil das auto-ingestões de medicamentos por crianças e adolescentes atendidos em Unidades de Saúde da região norte de Ribeirão Preto.

## MÉTODOS

Foram estudadas 138 crianças e adolescentes menores de 18 anos através de amostragem não probabilística por conveniência, nas unidades de saúde da zona norte de Ribeirão Preto conveniadas com o Centro Universitário Barão de Mauá: UBS Jd Aeroporto, UBS Vila Mariana, UBS Simioni, UBS Dutra e UBS Ribeirão Verde entre 2021 e 2022. O recrutamento teve início logo após a consulta médica da criança no serviço, sendo exposta aos pais/responsáveis e à criança a natureza do estudo e, havendo concordância foi firmada assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido. Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 46888021.8.0000.5378).

Nas comparações das frequências das diferentes variáveis qualitativas empregou-se o Teste Exato de Fisher. Adotou-se como nível de significância ( $p$ ) inferior ou igual a 0,05.

## RESULTADOS

A mediana das idades das crianças e adolescentes foi de 6 anos, enquanto que a mediana das idades dos responsáveis foi de 33 anos. Houve relato que 14 crianças ingeriram alguma substância por conta própria, sem indicação terapêutica, cujas idades na ocasião foram: 6 crianças tinham 1 ano, 2 crianças tinham 2 anos, 3 crianças tinham 3 anos, 3 crianças tinham 5 anos.

As auto-ingestões de medicamentos nas crianças avaliadas ocorreram primordialmente em menores de 2 anos, com idade máxima de 5 anos (14 crianças). Tal fato pode ser explicado pela fase oral apresentada pelas crianças nessa época, associada à maior autonomia obtida pela deambulação recém-adquirida

(DOUANGMALA *et al.*, 2021). O perfil dessas ingestões nessa faixa etária, portanto, costuma ser acidental, e portanto não intencional. Não houve relato de tentativa de auto-extermínio em nenhuma das crianças ou adolescentes avaliados (HUI; HON; LEUNG, 2021).

As auto-ingestões de medicamentos não se repetiram nas crianças estudadas, talvez por essa situação ter desencadeado o alerta de prevenção aos responsáveis, que tomaram medidas para evitar a recorrência dessas situações, tais como impedimento do acesso das crianças a essas substâncias, armazenamento seguro de medicamentos, preferência por produtos que possuam tampas de segurança etc. (KIZILYILDIZ *et al.*, 2018).

De acordo com o perfil social dos participantes, em duas entrevistas houve o relato de lixo doméstico não recolhido, 4 não tinham água encanada dentro de casa, 41 famílias recebiam algum tipo de auxílio governamental, 85 famílias frequentavam atividade religiosa pelo menos 1x ao mês.

As variáveis estudadas foram: escolaridade materna, trabalho materno, criança morar com a mãe e seu companheiro, número de pessoas residentes no domicílio, ordem de nascimento da criança, criança assistida por psicólogo, uso de remédios controlados pela criança ou por alguém que mora com a criança, consumo de álcool, tabaco ou outras drogas no domicílio.

A baixa escolaridade dos responsáveis não esteve associada à AIMP. Dentre as mães de crianças com AIMP, 8 (8/14) tinham no máximo o ensino fundamental e 6 (6/14) tinham, pelo menos, cursado uma parte ( $p= 0,1443$ ).

O trabalho materno fora de casa não esteve associada à AIMP. Dentre as mães de crianças com AIMP, 8 trabalhavam fora de casa e 1 não trabalhava fora de casa ( $p= 0,2632$ ).

A falta de companheiro materno no domicílio não esteve associada à AIMP. Dentre as mães de crianças com AIMP, 4 relataram a ausência de companheiro intra-domiciliar, enquanto que 10 coabitavam com companheiro que podia ou não ser o pai da criança ( $p= 0,7412$ ).

Para a avaliação do número de pessoas residentes no domicílio e sua possível relação com a AIMP, as famílias foram separadas naquelas com até 4

membros morando na mesma casa e naquelas constituídas por mais de 4 pessoas, não sendo esta variável considerada como colaboradora para a AIMP ( $p= 0,202$ ).

Cinco primogênitos estiveram associados à AIMP, enquanto que houve relato de AIMP em 9 não primogênitos ( $p= 0.4017$ ).

Dentre as crianças com AIMP, nenhuma recebeu assistência psicológica em qualquer momento da vida ( $p= 0,5984$ ).

Nas crianças com AIMP, houve 3 relatos de uso de remédios controlados pela criança ou por alguém que mora com a criança, enquanto que nas crianças sem AIMP, houve 17 relatos de uso de remédios controlados pela criança ou por alguém que mora com a criança ( $p= 0,6973$ ).

O consumo de álcool, tabaco ou drogas ilícitas no domicílio foi verificado em 28 entrevistas, sendo que nessas ocasiões também houve o relato de AIMP em 3 delas ( $p= 1$ ).

Dentre as variáveis analisadas no presente estudo, nenhuma mostrou-se associada às auto-ingestões de medicamentos na faixa etária pediátrica, ainda que a exposição a pelo menos uma das seguintes substâncias: álcool, tabaco e drogas ilícitas tenha sido encontrada em 28 crianças/adolescentes diferentes (20% da amostra). Os fatos de a mãe não trabalhar fora de casa, bem como existirem outros indivíduos morando na mesma casa do binômio mãe-filho não foram capazes de evitar a ingestão acidental dos medicamentos, o que pode ser explicado pela impossibilidade de supervisão direta da criança em 100% do tempo, além do desconhecimento de como evitar esse tipo de situação (IBRAHIM *et al.*, 2023).

## CONCLUSÃO

Como a prevenção ainda é a melhor forma de se evitarem as injúrias não intencionais, em qualquer faixa etária e, considerando-se que é obrigação dos responsáveis não exporem suas crianças e adolescentes a substâncias potencialmente tóxicas, os profissionais de saúde têm papel primordial no fornecimento de orientações que possam evitar as intoxicações exógenas às famílias atendidas nas Unidades de Saúde, particularmente na faixa etária pediátrica.

**Palavras-chave:** Intoxicação. Saúde da criança. Prevenção de acidentes.

**Conflitos de interesse:** Os autores não têm conflitos de interesse a divulgar.

## REFERÊNCIAS

DOUANGMALA, J.; BOURDON, O.; GASCHIGNARD, J.; DUREY, V.; PROT-LABARTHE, S. Medication and children: Practical situations to address the risks. **Soins Pédiatr Pueric**, v. 42, n. 320, p. 41-47, 2021. doi: 10.1016/j.spp.2021.03.010, 2021.

FRANCHITTO N. Epidemiology of poisoning in children. **Rev Prat**, v. 71, n. 8, p. 894, 2021.

HUI, W.F.; HON, K.L.; LEUNG, A.K.C. An Overview of the Pediatric Toxidromes and Poisoning Management. **Curr Rev Clin Exp Pharmacol**, v. 16, n. 4, p. 318-329, 2021. doi: 10.2174/1574884715666201201090210.

KIZILYILDIZ, B.S.; KARAMAN, K.; ÖZEN, S.; ÜNER, A. Acute intoxications among Turkish children. **Minerva Pédiatr.**, v. 70, n. 1, p. 46-50, 2018. doi: 10.23736/S0026-4946.16.04254-7.

IBRAHIM, M.A.; ALFAHD, K.N.; ALRUWAILI, A.T.; ALRUWAILI, N.A.; ALANAZI, B.H.; MOSTAFA, E.M.A. Patterns of acute pediatric intoxication in Aljouf Province, KSA. **J Taibah Univ Med Sci**, v. 18, n. 3, p. 548-559, 2022. doi: 10.1016/j.jtumed.2022.10.018. eCollection 2023 Jun.

TAVARES, É. O. et al. Fatores associados à intoxicação infantil. **Escola Anna Nery**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 31-37, 2013.